

“Cai o império, nasce a República

A corrupção e o autoritarismo dos governantes chineses e os abusos das potências estrangeiras continuaram gerando grande insatisfação social. Canalizando essa insatisfação, em 1911 um grupo de nacionalistas e republicanos chineses, liderados por Sun Yat-sen, derrubou o Império chinês e proclamou a República.

Em 1º de janeiro de 1912, Sun Yat-sen, assumiu o poder como presidente provisório da nova República. Médico, político e partidário do nacionalismo e do modelo ocidental, ele queria que a China se transformasse em um Estado moderno e republicano. Esse sonho, no entanto, não se caracterizou, pois boa parte do país passou as mãos dos **senhores da guerra\***, chefes militares que, com seus exércitos particulares, controlavam vastas regiões da China. Os maiores prejudicados por essa situação eram os camponeses, que arcavam com a maioria dos impostos exigidos pelo governo e pelos senhores da guerra.

(...)

Nacionalistas versus comunistas

Inicialmente, o Partido Comunista Chinês aliou-se ao Partido Nacional do Povo, liderado por Sun Yat-sen. Unidos, conseguiram vencer os senhores da guerra e unificar o país. No entanto, em 1925, com a morte de Sun Yat-sen, o general Chiang Kai-shek assumiu o poder, rompeu com os comunistas e passou a persegui-los por todo o país.

Para escapar ao cerco do exército de Chiang Kai-shek, cerca de 100 mil pessoas, lideradas por Mao Tsé-tung, partiram de Rujjin, em outubro de 1934, e percorreram a pé quase 10 mil quilômetros em um ano. Em outubro de 1935, chegaram a Yan'an, onde Mao e seus seguidores estabeleceram seu quartel general. Esse percurso ficou conhecido como a Longa Marcha. (...)

Nacionalistas versus Comunistas contra o Japão

Em 1937, enquanto nacionalistas e comunistas chineses lutavam entre si, o Japão invadiu a China, dando início à Segunda Guerra da Ásia. (...) A violência praticada pelos japoneses contra civis chineses gerou na China um forte ressentimento contra o Japão.

Para fazer frente ao ataque, nacionalistas e comunistas chineses interromperam a luta entre eles e se uniram contra o Japão. Na ocasião, Mao Tsé-tung teria declarado: “Meu amor pela China é maior que meu ódio por Chiang Kai-shek”. Os comunistas tiveram uma participação decisiva nas lutas contra o invasor japonês, o que contribuiu para o crescimento do número de filiados ao Partido Comunista Chinês (PCCh).

Após a vitória sobre o Japão na Segunda Guerra Mundial, em 1945, recomeçaram os conflitos entre os comunistas e nacionalistas chineses. Usando a tática de guerrilhas, os comunistas, representados pelo Exército Popular de Libertação (EPL) de Mao Tsé-tung, venceram os nacionalistas, proclamando em Pequim a República Popular da China (1949). (...)

## A China de Mao Tsé-tung

A China do presidente Mao foi hostilizada pelos estados Unidos, que lhe negaram reconhecimento diplomático e ainda proibiram suas empresas de negociar com os chineses. Já a União Soviética de Josef Stalin reconheceu imediatamente a China Popular e concedeu-lhe empréstimos e técnicos para ajudar na instalação de novas indústrias.

Atendendo a promessas feitas aos chineses, que na época somavam 600 milhões de habitantes, o governo Mao Tse-tung implementou uma reforma agrária: expropriou os grandes proprietários, repartiu a terra em pequenos lotes e distribuiu-os entre os milhões de camponeses. O imposto que recaía sobre os camponeses foi reduzido de cerca de 60% para 17% da colheita.

Além disso, ofereceu aos proprietários melhores condições de trabalho, participação na gestão das empresas, seguro-desemprego, entre outras vantagens. Quanto ao casamento, os jovens – e não mais os pais – passaram a escolher seus pares, a mulher passou a ter direitos iguais ao dos homens (...)

No aspecto econômico, o governo de Mao inspirou-se no modelo soviético e pôs em prática um Plano Quinquenal (1953-1957), que incluía o incentivo à indústria pesada, a busca por altas taxas de crescimento e a centralização política-administrativa sob a liderança do PCCh.(...)"

BOULOS, Junior, Alfredo. *História sociedade e cidadania*. 3º ano. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2016. p. 164, 165, 166, 167 e 168.